

# 35 *ir* criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

## ÉLIDA LOIS E A CRÍTICA GENÉTICA: ANTECIPAÇÃO, CIRCULAÇÃO, AUTONOMIA

Giovani T. Kurz <sup>1</sup>

**Resumo:** Reconhecendo a ampla circulação da crítica genética no fim do século XX e, em especial, no XXI, este artigo organiza uma revisita panorâmica à obra crítica de Élide Lois (Buenos Aires, 1939) de modo a dar protagonismo ao seu trabalho fundacional neste contexto teórico-metodológico. Proponho aqui uma leitura dos usos teóricos que Lois fez do pensamento europeu, francês em particular, sobre a criação literária e seus rastros, dialogando, incorporando e rejeitando determinados horizontes críticos que convergiam com as investigações já desenvolvidas em espaço sul-americano. Articulo, por fim, uma tradição possível para os estudos genéticos na Argentina, de Ana María Barrenechea a Graciela Goldchluk.

**Palavras-chave:** Crítica genética; Teoria literária; Literatura comparada; América Latina.

## ÉLIDA LOIS AND GENETIC CRITICISM : ANTICIPATION, CIRCULATION, AUTONOMY

**Abstract:** Acknowledging the vast circulation of genetic criticism at the end of the 20th century and so far in the 21st century, this article organizes a panoramic review of Élide Lois' (Buenos Aires, 1939) critical work, in order to highlight her foundational work in this theoretical and methodological context. I propose here a reading of the uses that Lois makes of European, particularly French, thought about literary creation and its traces, dialoguing, incorporating, and rejecting certain critical horizons that converged with the investigations already developed in the South American space. Finally, I articulate a possible tradition for the genetic studies in Argentina, from Ana María Barrenechea to Graciela Goldchluk.

**Keywords:** Genetic criticism; Literary theory; Compared literature; Latin America.

### Nota introdutória

A proposta de um artigo que revise a obra de Élide Lois (Buenos Aires, 1939) parte —e dificilmente poderia ser de outro modo— da sua centralidade no desenvolvimento de uma crítica genética latino-americana; isto é, de uma crítica genética orientada por pressupostos e horizontes locais, consciente das

---

<sup>1</sup>Doutorando nos programas de Letras Estrangeiras e Tradução da Universidade de São Paulo e de Literatura Comparada da Université Paris 8 Vincennes/Saint-Denis. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: giovanitk@gmail.com

# 35<sup>er</sup> Aniversário da criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

especificidades que épocas, espaços e tradições exigem do geneticista, assim como do problema que um cânone teórico universalizante representa.

De formação filológica, obteve seu doutorado em Letras pela Universidad de Buenos Aires, Élida Lois atuou como docente durante mais de quatro décadas, até sua aposentadoria em 2015; ocupou cargos de professora titular de Filologia Hispânica na Universidad de La Plata e na Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires —com destaque ao seminário “Genética textual y crítica genética”, ministrado no curso de mestrado em análise do discurso da mesma instituição—; trabalhou como pesquisadora do Conicet (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) e dirigiu o Centro de investigaciones filológicas da Universidad Nacional de San Martín.

Ao longo desses anos, Lois publicou obras centrais à crítica genética da Argentina e da América Latina, como *Génesis de escritura y estudios culturales, Introducción a la crítica genética* (2001),<sup>2</sup> além de edições crítico-genéticas como *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes (1988); de *Martín Fierro*, de José Hernández (2001); para a Colección Archivos; de *La guerra o el cesarismo en América*, de Juan Bautista Alberdi (2005); do *Epistolario* inédito de Juan Bautista Alberdi e Gregorio Benites (2007); de *Peregrinación de Luz del Día o Viaje y aventuras de la Verdad en el Nuevo Mundo*, do mesmo Juan Bautista Alberdi (2013), entre tantas outras, todas acompanhadas por estudos genético-filológicos preliminares e, assim, por revisitas ao espaço crítico que a leitura dos manuscritos constrói.

A breve retomada bio/bibliográfica ratifica a percepção inicial de que Élida Lois se estabelece como epicentro de uma emergência crítica, é ao redor da pesquisadora argentina, e a partir dela, que se estrutura um espaço crítico amplo, em que os estudos genéticos na América Latina e sobre autores latino-americanos ganham corpo. Volto mais adiante a, por exemplo, Graciela Goldchluk, cujos estudos têm em Lois um ponto de consolidação incontornável e que, em grande medida, trabalha na direção de estabelecer a independência epistemológica dos estudos genéticos na América do Sul.

---

<sup>2</sup> “[...] el único libro en lengua española consagrado íntegramente a la crítica genética, eso lo convierte simultáneamente en el mejor y el peor). Allí se caracteriza una corriente cuyo objeto de análisis son los documentos escritos (preferiblemente, manuscritos) que agrupados en conjuntos coherentes constituyen la huella visible de un proceso creativo. En la gran masa de datos analizada ya por esta línea crítica, la escritura se exhibe como un conjunto de procesos recursivos en los que escritura y lectura entablan un juego dialéctico sostenido que rompe con la ilusión de una marcha unidireccional: ‘escritura’ resulta ser sinónimo de ‘reescritura’, y este objeto redescubierto por el geneticismo, en tanto soporte ma/terial e intelectual de la producción de sentido, recoge en su interior las tensiones del proceso cultural en que está inmerso. Y aquí quiero destacar que no fue mi propósito limitarme a difundir un corpus doctrinario elaborado en el ITEM del CNRS de París —aunque, naturalmente, también lo hice—, me interesó incorporar aportes críticos surgidos de la peculiaridad de la escritura latinoamericana.” (LOIS, 2014, p. 29).

# 35 *ir* criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

Ao mesmo tempo, uma história canônica da crítica genética retomará sempre à equipe de germanistas do Centre Nationale de la Recherche Scientifique (CNRS) em Paris, coordenada por Louis Hay e responsável pela análise dos manuscritos de Heinrich Heine adquiridos pela Biblioteca Nacional da França (BnF) em 1967. Tal grupo de germanistas se avolumaria, ampliando-se, de modo a resultar em 1974 no Centre d'Analyse des Manuscrits, rebatizado em 1982 de Institut de Textes et Manuscrits Modernes (ITEM). Para além de Heine, com o tempo emergem grupos de pesquisa em torno das obras de Zola, Flaubert, Valéry, Proust, Joyce, entre outros.

O trabalho histórico de Lois, por sua vez, embora recupere tal genealogia francesa de uma crítica genética, acentua recorrentemente as possibilidades de dissonância que um olhar aos contextos teórico-críticos da América Latina sugere. Lois não irá negligenciar o trabalho filológico de autores como Juan Bautista Alberdi, Carlos Alberto Leumann, Amado Alonso e Ana María Barrenechea, escrevendo sempre sobre suas contribuições e as organizando de modo a estabelecer uma linha evolutiva clara, independente dos movimentos empreendidos em outros centros globais.

Proponho neste artigo, assim, uma revisita a alguns dos ensaios de Élide Lois publicados ao longo dos últimos trinta anos reconhecendo as vantagens e prejuízos de uma leitura panorâmica, encontrando neles brechas para a dissolução de uma suposta universalidade que passou a ser associada aos estudos de gênese produzidos em contexto europeu. Além disso, destaco uma tradição local, argentina, de trabalhos críticos a respeito dos rastros da criação, de modo a organizar a pluralidade dos estudos genéticos e suas distintas epistemes.

### **(antecipação) Primeiros gestos**

Em “Una práctica de la crítica genética frente al espejo” (2012), Élide Lois admite, já no primeiro parágrafo do seu texto, que “no começo da minha formação como pesquisadora, por volta de 1968, comecei a analisar manuscritos de trabalho escritural sem saber que um dia existiria uma crítica genética” (2012a, p. 19).<sup>3</sup> Surgem aqui indícios da concepção de Lois a respeito de uma tradição genética ao Sul. Ela escreve na sequência: “a análise da gênese textual já se realizava toda vez que um filólogo ou leitor crítico apontava a existência de reescritas do autor em duas ou mais versões (manuscritas ou editadas) de um texto e lia nessas reformulações significados

---

<sup>3</sup> “En los comienzos de mi formación como investigadora, allá por 1968, empecé a analizar manuscritos de trabajo escritural sin saber que un día iba a existir una crítica genética.” Uma vez que os textos de Élide Lois se encontram majoritariamente em espanhol e em francês, as citações foram traduzidas por mim; seguem, em rodapé, as citações em idioma original.

# 35<sup>ir</sup>criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

dignos de ser levados em conta” (2012, p. 19).<sup>4</sup> É nesse movimento que a pesquisadora estabelecerá uma “pré-história da genética” — expressão que aparece em seu “La critique génétique en Argentine: précurseurs, irruption et état actuel” (2011) — em contexto não-europeu.

Considerando tal aproximação às reescrituras e reformulações, Lois lembra de Juan Bautista Alberdi: “quando em 1853, em meio a uma conhecida polêmica com Domingo Faustino Sarmiento, ele analisou a gênese textual de uma das obras de seu adversário: *Facundo o Civilización y Barbarie*, texto que inaugurou toda uma tradição de ensaios sobre a identidade nacional” e “Alberdi [...] apreende a orientação de um processo de gênese textual, podendo, portanto, ser considerado um geneticista *avant la lettre*” (2011, p. 2).<sup>5</sup> Lois retoma ainda o poeta gauchesco Estanislao del Campo que “fazia circular entre seus amigos inúmeras versões autógrafas do seu *Fausto vernacular*” (2011, p. 2),<sup>6</sup> além do *Martín Fierro* de José Hernández, que se propagava em versões manuscritas ainda no século XIX.

Élida Lois recupera também o filólogo argentino Carlos Alberto Leumann. Ela menciona que Leumann “empreendeu uma análise dos rascunhos de *La vuelta de Martín Fierro*, o que o levou a descrever a materialidade da escrita” (2011, p. 2),<sup>7</sup> embora enfatize como, metodologicamente, o estudo de Leumann tinha em seu horizonte “identificar exaustivamente todas as reformulações de José Hernández de modo a mostrar a existência de um caminho que conduz à perfeição, o que lhe permite então a exaltação do resultado final” (2011, p. 2).<sup>8</sup> Recorrendo a um gesto histórico-comparativo, o filólogo argentino se dirigiu aos manuscritos de José Hernández assim como o francês Antoine Albalat havia se dirigido aos de Balzac, Hugo e Flaubert.

Além disso, Lois revisita a história de Amado Alonso, filólogo espanhol formado na escola de Ramón Menéndez Pidal, que soube “combinar o rigor descritivo dos neogramáticos com a concepção da língua como fenômeno inseparável dos processos sociais e culturais; a esta formação de base soube incorporar de forma original tanto as concepções idealistas como as concepções estruturalistas” (2011, p.

---

<sup>4</sup> “El análisis de génesis textual se venía realizando toda vez que un filólogo o un lector crítico advertía la existencia de reescrituras del autor en dos o más versiones (manuscritas o editas) de un texto y leía en esas reformulaciones significados dignos de ser tomados en cuenta.”

<sup>5</sup> “Lorsqu’en 1853, au beau milieu d’une célèbre polémique avec Domingo Faustino Sarmiento, il analyse la genèse textuelle d’une des œuvres de son adversaire : *Facundo o Civilización y Barbarie*, un texte qui inaugure toute une tradition d’essais portant sur l’identité nationale”; “Alberdi [...] saisit l’orientation d’un processus de genèse textuelle, et pourrait donc être considéré comme un généticien avant la lettre.”

<sup>6</sup> “Faisait circuler parmi ses amis de nombreuses versions autographes de son *Fausto vernaculaire*.”

<sup>7</sup> “[...] a entrepris une analyse des brouillons de *La vuelta de Martín Fierro*, ce qui l’a conduit à décrire la matérialité de l’écriture.”

<sup>8</sup> “Repérer de manière exhaustive toutes les reformulations de José Hernández afin de montrer l’existence d’un chemin qui conduit à la perfection, ce qui lui permet de s’adonner ensuite à l’exaltation du résultat final.”

# 35<sup>ir</sup>criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

3).<sup>9</sup> Portanto, “Alonso pode [...] ser considerado com justiça um precursor da crítica genética em contexto universitário” (p. 3),<sup>10</sup> uma vez que dirigiu o instituto de filologia da Universidade de Buenos Aires e teve, entre suas orientandas, Ana María Barrenechea, das primeiras a praticar uma crítica genética institucional na Argentina.

Barrenechea —Lois destaca em, justamente, “Ana María Barrenechea y la crítica genética” (2013) — foi a responsável pela introdução da crítica genética não apenas na Argentina, mas em língua espanhola (2013, p. 1). Barrenechea ocupa lugar central nesta história da genética por ter publicado, em 1983, o *Cuaderno de bitácora de Rayuela de Julio Cortázar*, quando a crítica genética ainda engatinhava a partir do conceito do *avant-texte* recém-proposto por Jean Bellemin-Noël. Lois escreve: “Neste contexto crítico, a análise de um embrião textual de *Rayuela* surge como uma das primeiras experiências de edição genética e um guia para a leitura de uma gênese textual” (2011, p. 4).<sup>11</sup> Metodologicamente, seu trabalho se desenvolve de forma paralela, mobilizando o legado argentino de Amado Alonso e encontrando soluções próprias para os impasses diante dos manuscritos literários.

Analisando o arquivo genético reunido, ela percebe que não se trata de rascunhos *stricto sensu*, mas de um conjunto heterogêneo de materiais de gênese pré-redacional (esboços de inúmeras passagens, planos de alguns capítulos, listas e retratos de personagens, comentários e anotações de trabalho anterior à escrita), que também contém algum texto e algumas notas metaescriturais. No entanto, Barrenechea não se contenta em analisar uma poética da escrita de Cortázar a partir de sua dinâmica criativa: ela percebe nela o significado de uma nova corrente nos estudos filológicos e teoriza seu surgimento. (2011, p. 4)<sup>12</sup>

Élida Lois escreverá, alguns anos mais tarde, que a formação em filologia de Barrenechea, aliada ao desejo de explorar a criação, “possibilitou-lhe perceber

---

<sup>9</sup> “Combiner la rigueur descriptive des néogrammairiens avec la prise en compte du langage comme phénomène inséparable des processus sociaux et culturels ; à cette formation de base il a su incorporer de manière originale aussi bien des conceptions idéalistes que structuralistes.”

<sup>10</sup> “Alonso peut [...] être considéré à juste titre comme un précurseur de la critique génétique dans le domaine universitaire.”

<sup>11</sup> “Dans ce contexte critique, l’analyse d’un embryon textuel de *Rayuela* apparaît comme l’une des premières expériences d’édition génétique et un guide pour la lecture d’une genèse textuelle.”

<sup>12</sup> “En analysant le dossier génétique réuni, elle remarque qu’il ne s’agit pas de brouillons *stricto sensu* mais d’un ensemble hétérogène de matériaux de genèse préredactionnels (des esquisses de nombreux passages, des plans de certains chapitres, des listes et des portraits de personnages, des commentaires et des annotations de travaux préalables à l’écriture), qui contiennent également quelques mises en texte et quelques notes métascripturaires. Toutefois, Barrenechea ne se contente pas d’analyser une poétique de l’écriture de Cortázar à partir de sa dynamique créative : elle y perçoit le sens d’un nouveau courant dans les études philologiques et elle en théorise l’apparition.”



# 35<sup>ir</sup> criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

facilmente o significado de fenômenos culturais de natureza dinâmica e, nesta linha, a pesquisa sobre a gênese escritural surgiu em sua produção (então já celebrada internacionalmente) como o apogeu de uma linha crítica” (2013, p. 4).<sup>13</sup> Lois aponta como foi na direção do Instituto de Filología da Universidad de Buenos Aires que Barrenechea encontrou espaço ideal para impulsionar movimentos críticos que contribuíram para a difusão da área de pesquisa. Uma pluralidade de grupos formados nas universidades do país a partir deste primeiro centro reconhece a importância das “primeiras atividades de difusão impulsionadas por Anita” (2013, p. 4). Ao visitar o percurso de Barrenechea, Lois aponta como a pesquisadora orientou uma série de teses de doutorados que avançavam suas próprias investigações e ampliavam o campo de pesquisa; destaca-se María Inés Palleiro, “uma estudiosa dos processos de criação oral a quem ela apontou que o referencial teórico-metodológico da crítica genética também se aplicava a tais processos criativos, e assim ela se tornou pioneira nesta espécie de estudo” (2013, p. 4).<sup>14</sup>

Em 1994, a revista *Filología*, ligada à UBA, dedicou uma edição à crítica genética e assim, pela primeira vez, tanto tempo depois das primeiras investigações em torno dos processos criativos, apareceram em solo argentino, traduzidos, os ensaios de membros do ITEM como Louis Hay, Almuth Grésillon e Jean-Louis Lebrave. Em 1996, “Anita” organizou um seminário de título “Introducción a la crítica genética”, na Universidad de Buenos Aires, de modo a partir da literatura para “encarar outras linguagens artísticas (escrita musical, execução de obras plásticas e arquitetônicas, representações cênicas, realizações cinematográficas), além dos processos criativos para analisar a gestação do discurso científico.” (LOIS, 2013, p. 5).<sup>15</sup>

Lois escreve ainda, de forma bastante direta, que Barrenechea se antecipou em alguns de seus gestos críticos às obras dos principais teóricos da crítica genética francesa (Louis Hay, Jean-Louis Lebrave e Almuth Grésillon) publicadas em 1986, 1992 e 1994, respectivamente. (2012a, p. 26). Em seu ensaio, Élica Lois marca enfaticamente como o olhar do geneticista tem uma pré-história, retomando os trabalhos filológicos e sublinhando a importância da crítica genética que se organiza em torno de Ana María Barrenechea e de sua leitura dos pré-textos de Cortázar.

---

<sup>13</sup> “La capacidad para percibir con facilidad el sentido de fenómenos culturales de naturaleza dinámica, y en esta línea, las investigaciones sobre génesis escritural emergieron dentro de su producción (ya por entonces celebrada internacionalmente) como la culminación de una línea crítica.”

<sup>14</sup> “Una estudiosa de procesos de creación oral a quien ella señaló que el marco teórico-metodológico de la crítica genética era aplicable también a esos procesos creativos y que así se convirtió en una pionera en este tipo de estudios.”

<sup>15</sup> “Encarar otros lenguajes artísticos (la escritura musical, la ejecución de obras plásticas y arquitectónicas, las representaciones escénicas, las realizaciones cinematográficas), y más allá de los procesos creativos para analizar la gestación del discurso científico.”

# 35 *criação e crítica*

## Travessias da crítica na América Latina

Lendo reconstruções da história da consciência genética na Europa —casos de Louis Hay<sup>16</sup> e Jean-Louis Lebrave,<sup>17</sup> por exemplo— e enxergando em tais reconstruções balizas igualmente locais, uma vez que à localidade latino-americana se opõe constantemente a suposta universalidade europeia, Lois faz a ressalva de que uma história da crítica genética pode encontrar, *no caso de países centrais*, seu início entre os séculos XVIII e XIX (2011, p. 1); contudo, ao mencionar o conjunto de fenômenos que produziu as fraturas necessárias para o surgimento de novos caminhos críticos —a evolução tecnológica, a expansão dos acervos de manuscritos, o desenvolvimento das ciências da linguagem e da crítica literária—, Élide Lois destaca como, ao contrário do que aconteceu nos tais países centrais, “na Argentina, esses componentes causais acontecem em outros tempos e em outros ritmos” (2011, p. 1).<sup>18</sup>

Ainda nesse “La critique génétique en Argentine”, a autora arremata, dirigindo-se às condições prévias ao estudo genético em contexto não-europeu: “a inexistência ou deficiência das nossas instituições públicas em termos de acervos de manuscritos modernos constitui um fato significativo que se refere às condições socioculturais do país, sobretudo no nível da consolidação das políticas de memória” (LOIS, 2011, p. 1).<sup>19</sup> A emergência de uma dissonância teórico-metodológica se dá primeiro, portanto, em função das condições locais —e, desse modo, os afastamentos epistemológicos se produzem. Com essa consciência das dinâmicas críticas locais, e seus pressupostos materiais e metodológicos, Élide Lois sistematiza uma crítica genética.

### **(circulação) Cartografia crítica e dissonância**

Com “La crítica genética: un marco teórico sobre la disciplina, objetivos y método” (2014), Lois sintetiza seus horizontes crítico-metodológicos: “a crítica genética interroga a escrita a partir do movimento que a engendrou e esboça ferramentas que lhe permitem abarcar a plenitude dos significados potenciais que

---

<sup>16</sup> Cf. HAY, Louis. *A literatura dos escritores*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

<sup>17</sup> Cf. LEBRAVE, Jean-Louis. *Crítica genética: uma nova disciplina ou um avatar moderno da filologia?* Tradução de Teresinha Merielles. Em: ZULAR, Roberto (org.). *Criação em processo*. Ensaios de crítica genética. São Paulo: Iluminuras, 2002.

<sup>18</sup> “En Argentine, ces composantes causales se succèdent en d’autres temps et à d’autres rythmes.”

<sup>19</sup> “La non-existence ou les déficits de nos institutions publiques en matière de fonds de manuscrits modernes constitue une donnée non négligeable qui renvoie aux conditions socioculturelles du pays, surtout au niveau de consolidation des politiques de la mémoire.”

# 35 *ir* criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

ocorrem durante essa dinâmica” (2014, p. 59).<sup>20</sup> Mais do que como se configuram obras individuais de literatura, teatro, cinema, artes plásticas, arquitetura ou música — objetos possíveis de uma análise genética —, Lois destaca a centralidade das formações discursivas que subjazem aos gêneros e suportes — os papéis de trabalho, testemunhas da escrita, como um lugar de conflitos discursivos (2014, p. 77). A crítica genética hoje, por meio de uma leitura da realidade de execução dos percursos criativos, produz “a edição genética de textos modernos e a abordagem de diversas orientações hermenêuticas”, de modo a “dar conta dos processos de simbolização” (2014, p. 64). Élica Lois sublinha a capacidade de se destacar, por meio do olhar do geneticista, “[a] distribuição de blocos de escrita no espaço, [a] diagramação, [a] direcionalidade, [o] canal, [os] traços revelando ritmos e humores de escrita, [os] gráficos, [os] desenhos etc.” (2014, p. 64).<sup>21</sup> Ela sublinha com frequência o lugar central da História e das relações no espaço de criação; o texto —sua escrita— é um ambiente de tensões e de hesitações em permanente mobilidade. Assim, produz-se uma nova hierarquia das versões, dos rascunhos, das interrupções; a publicação deixa de ser o tólos em direção ao qual todas as etapas do percurso concorrem: “a etapa final de um processo textual é vista como uma entre outras; quando muito, como produto específico de um conjunto de tendências, mas nunca como resultado inevitável” (2014, p. 77).<sup>22</sup>

Em meio aos pesquisadores fundadores do ITEM — já presentes nos primeiros grupos de pesquisa em crítica genética constituídos na França dos anos 1970—, Jean-Louis Lebrave destrincha a história e os mecanismos do trabalho com os manuscritos em “Crítica genética: uma nova disciplina ou um avatar moderno da filologia?” (1992) —retomo-o de maneira a produzir o contraste, insistindo na torção que Lois produz. No artigo, publicado originalmente na *Genesis*, a mais importante revista europeia de crítica genética, Lebrave destaca “o estudo dos documentos de gênese [que] se desenvolveu fora de toda referência à filologia e numa liberdade quase total em face dos manuscritos antigos” (2002, p. 104), fazendo, todavia, a ressalva de que “na Alemanha e na Itália a filologia jamais deixou de ocupar um lugar central, abrigo ainda hoje o conjunto dos trabalhos dedicados ao escrito” (2002, p. 104).

O crítico é enfático na retomada da filologia como ascendente possível da genética, embora sublinhe a teleologia inerente ao olhar filológico como um “demônio”

---

<sup>20</sup> “La crítica genética interroga la escritura desde el movimiento que la ha engendrado y diseña herramientas que le permitan abarcar la plenitud de significados potenciales que se suceden durante esa dinámica.”

<sup>21</sup> “[La] distribución de bloques de escritura en el espacio, [la] diagramación, [la] direccionalidad, [los] ductus, [los] trazos reveladores de ritmos de escritura y de estados de ánimo, [los] gráficos, [los] dibujos etc.”

<sup>22</sup> “La etapa final de un proceso textual es vista como una más entre otras; a lo sumo, como el producto específico de un conjunto de tendencias, pero jamás como un resultado inevitable.”



# 35 *ir*criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

que “volta periodicamente a assombrar a crítica textual” (2002, p. 108). A emergência de uma crítica genética, na segunda metade do século XX, mobiliza e reposiciona peças já dispostas no tabuleiro; “torna-se possível opor claramente o texto e seu *antes*, a recepção e a produção, o domínio público e o privado” (2002, p. 111). E mais: “o nascimento do texto é, portanto, também o nascimento dos documentos de gênese que estão aí como o complemento, o avesso ou o simétrico. [...] Os papéis que a gênese do texto deixa sob si não pertencem ao mesmo espaço que o texto, e este antes é também um *algures*” (2002, p. 111, grifos originais). Lebrave sublinha que o recrudescimento de um “pós-texto” transformará também as práticas culturais, as “representações concernentes ao autor, à originalidade, à inspiração” (2002, p. 117).

O ponto central de Jean-Louis Lebrave consiste em ultrapassar a perspectiva de uma crítica genética como simples evolução ou consequência da manuscritologia, da filologia, para enxergá-la como disciplina carente de “uma postura transversal e comparativa, sem a qual se tornaria uma acumulação de singularidades” (2002, p. 146). A retomada de filólogos como Gustave Lanson, Victor Cousin e Antoine Albalat permite a Lebrave sublinhar distinções essenciais de objetos e objetivos entre a filologia e a genética; o crítico cita, entre as estabilidades alheias à crítica genética, mas centrais à filologia, a “primazia do texto definitivo, caracterizado por sua perfeição e acabamento”, a “onipresença do autor, sujeito biográfico e psicológico”, o “reducionismo enunciativo cego ao processo de produção” (2002, p. 142).

Lebrave arremata com a observação de que a filologia, “enquanto disciplina de erudição”, não teria à sua disposição as “ferramentas conceituais” que o desenvolvimento de um ramo como a crítica genética exigiria (2002, p. 143). Além disso, o novo campo se abre ancorado a uma “evolução das concepções da linguagem em sua relação com as línguas e com aqueles que as falam e as escrevem, aquela das tecnologias e [...] a das mentalidades”, reconfigurando o estatuto de objetos que sempre se fizeram presentes em termos materiais, mas “que eram invisíveis por falta de instrumentos de observação” (2002, p. 143). Cabe acrescentar: instrumentos materiais e, em especial, intelectuais. Ele conclui:

A pesquisa atual dos geneticistas [...] inscreve-se em um contexto mais amplo, onde o interesse público não se dirige apenas ao autor e ao que testemunha sua genialidade, mas ao próprio objeto manuscrito e os processos dos quais carrega os vestígios. É forçoso constatar que este objeto apraz. Enquanto objeto de coleção, ou mesmo de culto: o sucesso das vendas públicas e a elevação dos preços estão aí para comprovar. Mas esse encanto não fica confinado ao meio dos colecionadores. Os manuscritos modernos entraram há alguns anos no domínio da mídia, que lhes consagra artigos na imprensa escrita e em programas na televisão. Da mesma forma, vemos as edições dos grandes textos enriquecerem-se de dossiês genéticos parciais, que vêm apimentar a apresentação do texto definitivo, como se este não

# 35 *ir*criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

mais bastasse para captar o interesse do público instruído. (LEBRAVE, 2002, p. 145).

O vínculo da crítica genética com a filologia, contudo, transcende o olhar cético de Jean-Louis Lebrave e esbarra em outras tradições de trabalho com os manuscritos. Élica Lois questiona a visão do crítico francês, segundo a qual a independência entre filologia e genética seria completa. Lois escreve que “a filologia é uma ciência em movimento perpétuo e a genética textual praticada em manuscritos modernos é um de seus avatares” (2014, p. 76),<sup>23</sup> para justamente responder à pergunta proposta por Lebrave no título do seu artigo “uma nova disciplina ou um avatar moderno da filologia?”. Sua proposta de uma pré-história da genética na Argentina, ao recuperar filólogos que, segundo ela, tiveram impacto direto no desenvolvimento de uma genética no país, caminha na direção de tal afastamento.

O mesmo acontece com o acesso às fontes: Lois pontua que as lógicas de Louis Hay e Jean-Louis Lebrave se estruturam sobre um conjunto de condições materiais que por vezes não existem em ambientes não-europeus, insistindo ainda que “a profissionalização do escritor —esse fenômeno social da modernidade que está na origem da valorização do trabalho da escrita, traço avançado por Lebrave — só se torna evidente na América Latina na primeira metade do século XX” (2011, p. 2).<sup>24</sup>

A sistematização recorrente de perspectivas como esta —isto é, o destaque à independência histórica da genética latino-americana de certas amarras institucionais francesas—, presente em artigos como “La crítica genética y la salvaguarda de la inscripción de la memoria escritural latinoamericana” (2012) —, encontra eco também em ambientes acadêmicos na América Latina. Lois herda, em alguma medida, gestos de Amado Alonso e Ana María Barrenechea —à qual ela se refere como “Anita”, acentuando um atravessamento afetivo, mais do que intelectual, de sua antecessora. Não por acaso, Lois escreve em “Una práctica de la crítica genética frente al espejo”:

Meu início na atividade da pesquisa linguístico-literária foi no Instituto de Filologia e Literaturas Hispânicas “Dr. Amado Alonso” da Faculdade de Filosofia e Letras da UBA, antes de me formar, em seminários dirigidos por Ana María Barrenechea de 1964 a 1966, e continuei trabalhando lá como pesquisadora assistente depois da minha graduação naquele mesmo ano de 66 em que ela se afastou do país, numa época em que o e-mail não encurtava distâncias. [...] Na década

<sup>23</sup> “La filología es una ciencia en movimiento perpetuo y el geneticismo textual practicado sobre manuscritos modernos uno de sus avatares.”

<sup>24</sup> “La professionnalisation de l'écrivain – ce phénomène social de la modernité qui est à l'origine de la valorisation du travail d'écriture, un trait avancé par Lebrave – ne devient évidente en Amérique latine que dans la première moitié du XXe siècle.”

# 35 *ir*criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

de 90 comecei a projetar minhas experiências no ensino universitário de graduação e pós-graduação incorporando uma seção de “Textologia hispano-americana” nas aulas da Cátedra de Filología Hispánica da Universidad Nacional de La Plata, da qual fui titular até 2005. Antes disso, havia ministrado seminários de pós-graduação em crítica genética na UBA junto com Ana María Barrenechea, mas de 1997 a 2008 fui responsável pelo seminário “Genética Textual e Crítica Genética” no mestrado em análise do discurso desta universidade. (2012a, p. 20-30).<sup>25</sup>

Se as aproximações pessoais com Alonso e Barrenechea apareciam em sua retrospectiva individual, no seu “La crítica genética y la salvaguarda de la inscripción de la memoria escritural latinoamericana” sistematizam-se as aproximações teóricas —tanto a independência quanto a circulação do seu pensamento. Escreve já de início:

A memória da escrita pode ser vista como uma categoria social que se manifesta não apenas por meio de diversos tipos de repositórios (como arquivos, bibliotecas e coleções de textos), mas também por meio de “restos” —como rascunhos e outros documentos de um processo de produção de significados—, já que a memória da inscrição de sentidos de uma comunidade em todas as suas facetas resgata até mesmo os processos de engendramento textual: assim se recupera uma dinâmica de produção simbólica que se conecta com as forças que atuam na gênese e estrutura dos campos social, político e cultural. (LOIS, 2012b, p. 13).<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> “Me inicié en las actividades de investigación lingüístico-literaria en el Instituto de Filología y Literaturas Hispánicas ‘Dr. Amado Alonso’ de la Facultad de Filosofía y Letras de la UBA, antes de graduarme, en seminarios dirigidos por Ana María Barrenechea desde 1964 a 1966, y continué trabajando allí como investigadora auxiliar después de mi graduación en ese mismo año 66 en que se produjo el alejamiento de ella del país, en una época en que el email no acortaba las distancias. [...] En la década del 90 empecé a proyectar mis experiencias en la enseñanza universitaria de grado y de posgrado incorporando una sección de ‘Textología hispanoamericana’ en el dictado de la cátedra de Filología Hispánica de la Universidad Nacional de La Plata, de la que fui titular hasta 2005. Ya antes había dictado seminarios de posgrado sobre crítica genética en la UBA juntamente con Ana María Barrenechea, pero desde 1997 hasta 2008 estuve a cargo del seminario de ‘Genética textual y crítica genética’ en la Maestría de Análisis del discurso de esta Universidad.”

<sup>26</sup> “La memoria escritural puede enfocarse como una categoría social que no solo se manifiesta por medio de diversos tipos de repositorios (como los archivos, las bibliotecas y las colecciones de textos), sino también a través de ‘restos’ —como borradores y otros documentos de un proceso de producción de significados—, ya que la memoria de la inscripción de sentidos de una comunidad en todas sus facetas rescata incluso los procesos de engendramiento textual: se recupera de este modo una dinámica de la producción simbólica que se conecta con las fuerzas que actúan en la génesis y la estructura de los campos social, político y cultural.”

# 35 *ir* criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

O pensamento de Élide Lois sobre a criação literária e seus rastros se estrutura sem enxergar distinção entre campos individuais e sociais, entre campos culturais e políticos. Uma política da memória, por extensão, faz-se presente em cada gesto crítico da autora — “a memória é um espaço narrativo que nunca é ingênuo”; “*arquivar e interpretar* são, em verdade, atividades complementares” (2012b, p. 13, grifos originais).

Nesse sentido, se antes Jean-Louis Lebrave aparecia como ponto de partida para uma dissonância do pensamento de Lois, que deliberadamente retomava o pesquisador francês para torcer suas perspectivas, quem aparece também é o próprio Louis Hay —coordenador do primeiro grupo de geneticistas do texto constituído na França, em 1967. Recuperando-o, a investigadora argentina insiste que, para ele, a instituição de uma crítica genética produz o balizamento de três etapas no processo de comunicação literária: a produção da escrita, o texto e a leitura, enquanto, simultaneamente, emergem três abordagens para essas etapas: a crítica genética, as teorias do texto e os estudos de recepção (LOIS, 2014, p. 58). Mas essa apresentação esquemática —diz Lois— não esgota toda a complexidade do fenômeno literário. Para além da interdependência das etapas listadas, Élide Lois localiza o pensamento de Hay e insiste que há limites geográfico-político-cultural-econômicos que condicionam os tempos de cada etapa do processo. “Na América hispânica” —ela escreve—, “esses três componentes causais apontados por Hay e Lebrave acontecem com outros tempos e com outros ritmos” (LOIS, 2012c, p. 19)<sup>27</sup> —ecoando uma afirmação que ela já fizera na *Genesis* a respeito da Argentina. Lois aponta ainda, como elemento inseparável do estabelecimento de uma tradição crítica na América Latina, “a ausência ou escassez em repositórios públicos de arquivos importantes de manuscritos literários modernos” (2012c, p. 19);<sup>28</sup> aparece, por fim, a lista de um conjunto restrito de tais repositórios, notando o que é, de fato, um “fenômeno sociocultural relevante: a solidez das políticas de memória” (2012c, p. 19).

É esse contexto que apresentará à pesquisadora argentina a possibilidade de encontrar obstáculos ao simples trânsito de avanços teóricos em espaços socioculturais distintos; a “inexistência ou a escassez de arquivos de manuscritos literários relevantes em repositórios públicos” sintetiza a distinção no trabalho com as fontes materiais, desde os seus pressupostos, em contextos diferentes. Em “Los estudios de crítica genética en el campo de la literatura hispanoamericana” (2012), Élide Lois arremete contra um diacronismo fixo, contra uma história impermeável, e afirma o espaço da diferença como central na aproximação de duas tradições da crítica genética; ela escreve que “os latino-americanos que compartilhamos esta

---

<sup>27</sup> “En Hispanoamerica, esos tres componentes causales señalados por Hay y Lebrave se suceden con otros tiempos y con otros ritmos.”

<sup>28</sup> “La inexistencia o la escasez en repositorios públicos de importantes archivos de manuscritos literarios modernos.”

# 35 *ir*criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

paixão não podemos deixar de nos perguntar sobre as *características da crítica genética dos nossos países*”, e aponta uma “permanente *tensão dialética* entre as *peculiaridades da nossa realidade histórica* e o impacto das impressionantes contribuições de alguns países centrais, *particularmente aqueles da escola do ITEM-CNRS de Paris*” (2012c, p. 987, grifos meus).<sup>29</sup>

O estudo de manuscritos latino-americanos — de escritores latino-americanos — em contexto europeu ou norte-americano pode levar, então, a um problema evidente: a leitura disjuntiva, assimétrica dos textos, abordados por teorias propostas para outras tradições, outras enunciações, outros sistemas de circulação do conhecimento. Uma crítica genética na América Latina deve saber recusar certas bases, transformá-las, e entender esses afastamentos epistemológicos. Mais do que a “crítica genética” ou o “estudo de manuscritos”, Élide Lois coloca no centro do seu pensamento os modos de se pensar no texto, na memória, no documento, na produção crítica de uma área do conhecimento, estão sujeitos a certos elementos de legitimação. Uma certa “crise da memória”, da conservação desses rastros memoriais, deriva justamente da ideia de que os países latino-americanos seriam incapazes de lidar com certos arquivos de escritores —em um sentido muitas vezes metodológico.

Reconhecendo as distinções, as dissonâncias, e buscando legitimar epistemes tão distantes uma das outras quanto locais —na medida em que respondem às suas próprias realidades—, Élide Lois esboça um conjunto de pontos de fuga.

### **(autonomia) Conclusão, horizontes**

Uma insistência na autonomia ou mesmo desobediência da crítica latino-americana é eixo estruturante do pensamento de Élide Lois. Autonomia, pois ela estrutura seu pensamento sobre bases locais, jamais o submetendo —ou se submetendo— a horizontes teóricos propostos alheios; desobediência, pois produz um afastamento deliberado em um conjunto claro de questões —neste sentido escrevia a respeito das tais “*características da crítica genética dos nossos países*”, apontando a “*permanente tensão dialética entre as peculiaridades da nossa realidade histórica e o impacto das impressionantes contribuições de alguns países centrais*” — insistindo que “*particularmente aqueles da escola do ITEM-CNRS de Paris*”.

Ainda em “Una práctica de la crítica genética frente al espejo”, ao apresentar suas atividades docentes, nos anos 1990, na Universidad Nacional de La Plata e na Universidad de Buenos Aires, Lois aponta que “hoje [2012] quem ocupa estes dois

---

<sup>29</sup> “Los latinoamericanos que compartimos esa pasión no podemos dejar de preguntarnos por las características de la crítica genética de nuestros países”; “una permanente tensión dialéctica entre las peculiaridades de nuestra realidad histórica y el impacto de los impresionantes aportes de algunos países centrales, particularmente los de la escuela del ITEM-CNRS de París.”



# 35 *ir*criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

espaços de docência é Graciela Goldchluk, que conheci já como pesquisadora formada, embora ela insista em se considerar minha discípula” (2012a, p. 30).<sup>30</sup> A “discípula” Graciela Goldchluk continua e amplia o movimento de Lois; em “El manuscrito como un cuerpo que insiste” (2020), por exemplo, escreve:

os modos de existência da crítica genética na América Latina não estão desvinculados do trabalho do arquivo nem da conservação, sendo apenas possíveis em um diálogo interdisciplinar e colaborativo [...]. Parte da desconfiança que a crítica genética ainda hoje provoca na América Latina tem a ver com o fato de ela romper as barreiras entre trabalho manual e trabalho intelectual, algo que aparece bem diferenciado na escola francesa. (GOLDCHLUK, 2020, p. 130).<sup>31</sup>

Se Élide Lois observava uma série de particularidades da realidade histórica latino-americana —apontando que “esta linha de estudos tem muitos praticantes no Brasil e atingiu neste país vizinho um nível tão alto de produção e divulgação” (2012b, p. 18)<sup>32</sup>—, Graciela Goldchluk insiste nos tais modos de existência da crítica genética na América Latina, indissociáveis de uma política do arquivo, de uma arquivística.

Nessa direção, em “Entre le don et la traduction. Formes de la critique génétique en Argentine” (2020), escrito com Delfina Cabrera, Goldchluk faz uma reavaliação do suposto epicentro dos estudos genéticos representado pela “escola francesa”, reconhecendo as transformações na recepção da teoria na América Latina. De início, as autoras afirmam —na direção do que dizia Lois— que, “ao contrário do contexto francês da segunda metade do século XX, que viu nascer o ITEM, o desenvolvimento da crítica genética argentina mantém uma continuidade com a filologia ao mesmo tempo em que abre um campo de debate para a reorientação da disciplina” (GOLDCHLUK; CABRERA, 2020, p. 1-2).<sup>33</sup> Consolida-se a perspectiva:

Nós não *transportamos* a crítica genética para nossos arquivos como que para “aplicar” a teoria e a metodologia genética ao estudo de manuscritos latino-americanos, que pouco se assemelham aos

<sup>30</sup> “Hoy ocupa estos dos espacios de docencia Graciela Goldchluk, a quien conocí ya como investigadora formada aunque ella insista en considerarse mi discípula.”

<sup>31</sup> “Los modos de existencia de la crítica genética en América Latina no están desvinculados del trabajo de archivo ni del de conservación, sino que sólo son posibles en un diálogo interdisciplinario y colaborativo [...]. Parte de la desconfianza que aún hoy provoca la crítica genética en América Latina tiene que ver con que rompe las barreras entre trabajo manual y trabajo intelectual, algo que aparece bien diferenciado en la escuela francesa.”

<sup>32</sup> “Esta línea de estudios tiene tantos cultores en Brasil y ha alcanzado en ese país vecino tan alto nivel de producción y difusión.”

<sup>33</sup> “Contrairement au contexte français de la seconde moitié du XXe siècle qui a vu naître l’ITEM, le développement de la critique génétique argentine maintient une continuité avec la philologie tout en ouvrant un champ de débats pour la réorientation de la discipline.”

# 35 *ir* criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

canonizados pela cultura europeia. Mas lemos com crítica genética esse questionamento magnífico da unidade do texto, da linguagem e da tradição. (2020, p. 2-3, grifo original).<sup>34</sup>

Afirmar-se contra a ideia de uma mera “transposição” da crítica e, portanto, contra um certo assujeitamento dos manuscritos latino-americanos, encontra lastro justamente em um espaço crítico estabelecido, construído previamente; a insistência no estabelecimento de métodos e sistemas locais

A obra de Élide Lois determina, portanto, um ponto de partida a partir do qual se torna possível enxergar uma crítica da criação constituída ao Sul, de uma história que não coincide, nem deriva dos horizontes europeus. Embora reconhecendo os passos dados por investigadores como Louis Hay e Jean-Louis Lebrave —e mesmo acrescentando à lista Almuth Grésillon, Daniel Ferrer etc.—, e compreendendo a importância global de um centro institucionalizado e reconhecido como o ITEM, Lois soube caminhar —e orientar outros pesquisadores em caminhada análoga— por espaços críticos constituídos a partir das exigências locais, dos lugares enunciativos ocupados pelos escritores em contexto latino-americano, a partir de cenários constituídos por meio dos textos, mais do que por meio das instituições. Reafirmo sua presença e a presença material dos rastros de um gesto de criação:

Na linha de produção da *presença*, a existência de um arquivo de escrita não é apenas um lembrete da impossibilidade de supor que tudo o que foi dito foi documentado, que tudo que foi documentado foi arquivado e que tudo que foi arquivado foi publicado, a existência de um arquivo é a colocação em jogo de uma constante dialética entre *efeitos de presença e efeitos de significação*. (LOIS, 2012c, p. 14, grifos originais).<sup>35</sup>

Aponto, por fim, para horizontes futuros. Se Élide Lois tomava como campo de trabalho justamente o espaço em disputa da crítica produzida na América Latina —uma crítica frequentemente domesticada por leitores vinculados a outros centros globais—, o que se coloca em jogo são, mais do que divergências metodológicas, os impulsos colonialistas —por que não? — que cercam a relação entre os países ibero-americanos e a França no que diz respeito à teoria literária. Basta ver, por exemplo, a

<sup>34</sup> “Nous ne *transportons* pas la critique génétique à nos archives comme s’il s’agissait « d’appliquer » la théorie et la méthodologie génétiques à l’étude des manuscrits latino-américains, qui ressemblent si peu à ceux canonisés par la culture européenne. Mais nous lisons avec la critique génétique cette remise en question magnifique de l’unité du texte, de la langue et de la tradition.”

<sup>35</sup> “En la línea de producción de *presencia*, la existencia de un archivo escritural no es solo un recordatorio de la imposibilidad de suponer que todo lo dicho se ha documentado, que todo lo documentado se ha archivado y que todo lo archivado se ha publicado, la existencia de un archivo es la puesta en juego de una constante dialéctica entre *efectos de presencia y efectos de significación*.”

# 35 *ir*criação e crítica

## Travessias da crítica na América Latina

exportação dos manuscritos sul-americanos à Europa ou aos Estados Unidos —casos de Jorge Amado, Miguel Angel Asturias, Francisco Ayala, Guillermo Cabrera Infante, Julio Cortázar, José Donoso, Diamela Eltit, Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez, Elena Garro, Pedro Juan Gutiérrez, Enrique Lihn, Silvina Ocampo, Ricardo Piglia, Sergio Pitol, Alejandra Pizarnik, Juan José Saer, Severo Sarduy e Mario Vargas Llosa, para citar *alguns* dos escritores que tiveram seus manuscritos levados a *uma* coleção, a da biblioteca da Universidade de Princeton. São centenas de outras coleções espalhadas pelo mundo. Como esperar, então, um trabalho de pesquisadores latino-americanos com as fontes se as fontes lhes foram expropriadas? Não se pode dissociar uma independência epistemológica de uma independência material (econômica, política). O gesto de Ana María Barrenechea, já nos anos 1970, na Argentina, trabalhando com os pré-textos de Julio Cortázar, ganha uma nova dimensão.

Nesta direção, Graciela Goldchluk toma os manuscritos de Manuel Puig como objeto em torno do qual se constrói sua teoria, muito a partir do pensamento de Élica Lois — “ela insiste em se considerar minha discípula” etc. Com “El archivo Manuel Puig: un caso latinoamericano de creación en circulación” (2018), emergem possibilidades de um trabalho contemporâneo com a crítica genética produzida ao Sul. Goldchluk já de saída lembra que a circulação é elemento fundamental, e reafirma que “o que chamamos de literatura latino-americana pode ser assim definido e provocar até mesmo a formação de cátedras em universidades europeias e norte-americanas a partir do chamado *boom* que teve tradutores e editores no centro da cena” (2018, p. 118).<sup>36</sup> Para além da circulação dos textos literários, é central que se dê destaque à teoria em circulação; Lois, em grande medida, já o fazia, ao reconhecer a importância dos investigadores franceses mas enfatizar as peculiaridades de um discurso crítico produzido localmente. Goldchluk enfatiza a centralidade dos espaços por onde a teoria circula —e sua conseqüente pluralidade—: “a crítica genética passou a assumir esse desafio como política de leitura ao retirar os manuscritos de autor do lugar em que a filologia histórica os havia colocado, e o faz no interior de instituições como universidades públicas e grupos de pesquisa” (p. 121).<sup>37</sup> Uma revisita à crítica genética que tenha em seu centro a consciência da diversidade epistemológica e da circulação como meio de transformação das concepções locais, é um gesto fundamental para que haja, enfim, legitimidade no trabalho com as fontes latino-americanas, sem a necessidade de importação de certa teoria, nem de exportação das fontes materiais.

<sup>36</sup> “Aquello que llamamos literatura latinoamericana pudo definirse como tal y provocar incluso la formación de cátedras en universidades europeas y norteamericanas a partir del llamado *boom* que tuvo a traductores y editores en el centro de la escena.”

<sup>37</sup> “La crítica genética ha venido a asumir ese desafío como una política de lectura al sustraer los manuscritos de autor del lugar en el que la filología histórica los había colocado, y lo hace dentro de instituciones como la Universidad pública y los grupos de investigación.”

# 35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

## Bibliografia

- GOLDCHLUK, G. “El archivo Manuel Puig: un caso latinoamericano de creación en circulación”. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, N. 35, p. 118-125, 2018.
- GOLDCHLUK, G. “El manuscrito como un cuerpo que insiste.” *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, n. 42, p. 128–143, 23 dez. 2020.
- GOLDCHLUK, G.; CABRERA, D. « Entre le don et la traduction. Formes de la critique génétique en Argentine. » *Continents manuscrits*, n. 14, 15 abr. 2020.
- LEBRAVE, J. “Crítica genética: uma nova disciplina ou um avatar moderno da filologia? Tradução de Teresinha Merielles.”. In: ZULAR, R (org.). *Criação em processo. Ensaíos de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- LOIS, É. “Amado Alonso, precursor de la crítica genética.” *Cauce*, 1995-1996 (18-19): 401-408, 1995.
- LOIS, É. « La critique génétique en Argentine : précurseurs, irruption et état actuel. » *Genesis*, n. 33, p. 149–156, 30 out. 2011.
- LOIS, É. “Una práctica de la crítica genética frente al espejo”. *Boletín GEC*, n. 16, p. 19-33, 2012a.
- LOIS, E. “La crítica genética y la salvaguarda de la inscripción de la memoria escritural latinoamericana”. *Lo que los archivos cuentan/1*. ISSN, p. 1688-9827, 2012b.
- LOIS, É. Los estudios de crítica genética en el campo de la literatura hispanoamericana. In: VAUTHIER, B; CORRADINE, J G. (orgs.). *Crítica genética y edición de manuscritos hispánicos contemporáneos*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2012c.
- LOIS, É. “Ana María Barrenechea y la crítica genética.” *Cuadernos LIRICO*. Revista de la red interuniversitaria de estudios sobre las literaturas rioplatenses contemporáneas en Francia, n. 9, 1 set. 2013.
- LOIS, É. “La Crítica genética: un marco teórico sobre la disciplina, objetivos y método.” *Creneida*. Anuario de Literaturas Hispánicas, n. 2, p. 57–78, 30 dez. 2014.

Recebido em: 07/04/2023

Aceito em: 04/06/2023